

ECOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

Edson Luiz Peters

SUMÁRIO : 1. Partindo da Filosofia da Libertação. 2. Uma Ecologia da Libertação. 3. A Necessidade de um novo Paradigma Civilizacional. 4. O Neo-Liberalismo : uma ameaça também Ambiental. 5. Conclusões. 6. Referências.

RESUMO : Partindo da Filosofia da Libertação, chega-se numa proposta de uma ecologia da libertação, na perspectiva histórica de que a apropriação dos recursos naturais por algumas nações em detrimento de outros povos colonizados foi fator determinante para a construção de um mundo de classes, tendo como resultado a pobreza da maioria e a riqueza da minoria.

PALAVRAS-CHAVE : Filosofia da Libertação. Ecologia da Libertação. Recursos Naturais. Colonização. Pobreza e Riqueza. Neo-Liberalismo.

1. PARTINDO DA FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO

Como observa Enrique D. Dussel,

é a partir do mundo, desde um mundo histórico, político, erótico ou simbolicamente determinado, que compreendemos a natureza e interpretamos os entes naturais. Se há uma história do mundo, há também a história da natureza. Ou seja, os gregos compreenderam a *fysis* como eterna, divina, nascente; os medievais compreenderam a natureza como criada (*natura naturata*), finita, sem princípio de corrupção; o moderno europeu compreendeu a *nature* ou *Natur* como sendo a matéria observável matematicamente (desde Galileu) ou explorável economicamente (desde a revolução industrial). A natureza, juntamente com o trabalho e o capital, é a origem do mítico progresso civilizador. Agora se entende o que se quer indicar quando se diz que a natureza é politicamente interpretada: é hermeneuticamente visualizada desde o centro ou a periferia, desde as diversas classes sociais, desde os sistemas políticos, principalmente, como matéria de um modo de produção numa formação social determinada.¹

A partir da concepção da natureza como algo explorável economicamente, e da intervenção crescente do homem sobre ela, com a chamada revolução industrial, se chegou

¹ DUSSEL, Enrique D. **Filosofia da libertação na América Latina**. 2 ed. São Paulo : Loyola, 1980.

facilmente à sociedade de consumo no mundo capitalista, como uma conquista e um modelo mítico de progresso civilizatório, nas palavras de Dussel.

2. UMA ECOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

Para Leonardo Boff, *“a lógica que explora as classes e submete os povos aos interesses de uns poucos países ricos e poderosos é a mesma que depreda a Terra e espolia suas riquezas, sem solidariedade para com o restante da humanidade e para com as gerações futuras”*².

É assim com o Brasil e com todos os países marginalizados, que tiveram e ainda têm seus recursos naturais solapados e levados para reinos, engrandecendo e enriquecendo os castelos e palácios, que hoje servem de atração turística e fonte de renda incalculável para a economia européia.

A partir do modelo capitalista de desenvolvimento e progresso produziram-se dois mundos diferentes: o do luxo e o do lixo. No primeiro vivem os colonizadores e no segundo os colonizados.

Mas a riqueza e a ostentação dos poucos países ricos se sustenta numa base muito frágil, erigida sobre o lixo industrial e o lixo social que se acumulam no chamado terceiro mundo.

Lembra Leonardo Boff que

... ecologia não é um luxo dos ricos nem uma preocupação apenas dos grupos ambientalistas ou dos Verdes com seus respectivos partidos. A questão ecológica remete a um novo nível da consciência mundial: a importância da Terra como um todo, o bem comum como bem das pessoas, das sociedades e do conjunto dos seres da natureza, o risco apocalíptico que pesa sobre todo o criado. O ser humano pode ser anjo da guarda bem como satã da Terra. A terra sangra, especialmente em seu ser mais singular, o oprimido, o marginalizado e o excluído, pois todos esses compõem as grandes maiorias do planeta. A partir deles devemos pensar o equilíbrio universal e a nova ordem ecológica mundial.³

Entre todos os seres da natureza há um que está especialmente ameaçado : O POBRE.

² BOFF, Leonardo. **Ecologia : Grito da Terra, Grito dos Pobres**. São Paulo : Ática, 1995. p. 21.

³ BOFF, Leonardo. **Ecologia Mundialização Espiritualidade**. São Paulo : Ática, 1996. p. 35.

E é para este ser que se volta a Teologia da Libertação, a Filosofia da Libertação e por que não dizer a Ecologia da Libertação, como uma forma de resgate social, político, histórico, econômico, ético e natural destes homens, ou desta grande parte da humanidade, que está excluída dos benefícios gerados pelo dito progresso civilizatório.

3. A NECESSIDADE DE UM NOVO PARADIGMA CIVILIZACIONAL

O modelo vigente de desenvolvimento, de progresso, de civilização e de ciência enquanto método de conhecimento está em crise e se mostra incapaz de reverter o quadro de contraste entre miséria absoluta e riqueza extrema, do ponto de vista social, ou entre o desenvolvimento tecnológico e o desemprego, ou entre a industrialização crescente e a devastação/exaustão do planeta.

É uma questão de paradigma, ou de mudança de paradigma, no sentido fornecido por Thomas S. Kuhn, ou seja, *“toda uma constelação de opiniões, valores e métodos, etc. participados pelos membros de uma determinada sociedade”*⁴ e que precisa ser revista, sob pena de autodestruição, de aniquilamento, de guerra de todos contra todos.

E aqui cumpre contextualizar, epistemologicamente, o nosso modo de aceder à realidade natural e social. Cada cultura organiza o seu modo de valorar, de interpretar e de intervir na natureza, no habitat e na História. O nosso modo, embora hoje mundialmente hegemônico, é apenas um entre outros. Por isso cabe, de princípio, renunciar a qualquer pretensão monopolística acerca da autocompreensão que elaboramos e do uso da razão que fizemos e estamos fazendo. Com isso enfatiza-se o fato de que a ciência e a técnica são práticas culturais como outras e por isso limitadas a uma determinada cultura.⁵

A concepção de ciência como conhecimento que permite ao homem conhecer e compreender a natureza, e a noção de técnica como método de intervir e modificar a natureza, partindo de um diálogo experimental, coloca o ser humano numa posição central (antropocentrismo) e sobre a natureza, negando outras formas de diálogo com a mesma.

Isto parece estar de acordo com a inspiração e interpretação bíblica, naquela passagem onde Deus teria dito : *“Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança ; tenha ele **domínio** sobre os peixes do mar, sobre as aves do céus, sobre os*

⁴ KUHN, Thomas S. **Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo : Perspectiva, 1982. p. 218.

⁵ BOFF, Leonardo. **Ecologia : Grito da Terra, Grito dos Pobres**. São Paulo : Ática, 1995. p.16.

*animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra”.*⁶

Então toda a ciência serviria, no atual paradigma, para colocar o homem como ser dominador, acima da natureza, com todos os poderes para transformá-la em benefício próprio.

E assim o homem agiu, notadamente após a revolução industrial, buscando a otimização na exploração dos recursos naturais, numa corrida desenvolvimentista sem limites, transformando a matéria bruta em produtos e bens de consumo, como se as fontes da natureza fossem inesgotáveis e incorruptíveis.

E onde chegou o homem? Até na Lua, nosso satélite natural, que não escapou da curiosidade e da volúpia científica.

Mas, de repente, este mesmo homem e esta mesma humanidade se encontram sem respostas diante dos resultados socialmente catastróficos e naturalmente devastadores, que se traduzem em diferenças sócio-econômicas abissimas entre as nações, difusão de doenças, agravamento da pobreza por toda a periferia do planeta, conflitos internos e externos, extermínio de espécies, destruição da camada de ozônio, contaminação da metade da água potável do mundo, desmatamento e desertificação, esgotamento do que sobrou de solo fértil e assim por diante.

No paradigma vigente o homem tem valor a partir de suas conquistas, de suas descobertas, de sua capacidade de desbravar, quando então é chamado de pioneiro, de bandeirante, virtude maior de toda a modernidade.

O homem assim se colocou fora da natureza, como se esta fosse sua maior inimiga e necessitasse ser domada.

Mas todo o desenvolvimento científico, tecnológico, econômico e político parece não ter resolvido os problemas maiores da humanidade : a pobreza continua cada vez maior e é proporcional ao acúmulo de riquezas ; a fome cresce proporcionalmente à violência urbana ; doenças se alastram na mesma medida em que falta saneamento básico e educação ; a exploração do trabalho e a prostituição infantil aumentam juntamente com os latifúndios improdutivos e as favelas ; e isto tudo vai desestabilizando as nações pobres e

⁶ Bíblia Sagrada. **GENÊSIS**. cap. 1, ver. 26. São Paulo : Vozes, 1987. p. 29.

também as ricas que já sentem a ameaça das primeiras, como no caso dos africanos que migram cada vez mais e clandestinamente para os países europeus.

Em suma : urge a necessidade de um novo paradigma que leve em conta a comunidade planetária.

Não se trata de recusar o progresso científico–tecnológico, mas de se estabelecer ou restabelecer a relação do homem com a natureza, superando a afirmação cartesiana de que o homem foi feito para dominar a natureza e tornar–se seu senhor e proprietário.

Numa perspectiva deste século que vivemos, de quem vê a Terra de fora de sua órbita, o astronauta Russel Scheickhart ao regressar à Terra testemunhava a mudança de paisagem mental :

Vista a partir de fora, a Terra é tão pequena e frágil, uma pequenina mancha preciosa que você pode cobrir com seu polegar. Tudo o que significa alguma coisa para você, toda a História, a arte, o nascimento, a morte, o amor, a alegria e as lágrimas, tudo isso está naquele pequeno ponto azul e branco que você pode cobrir com seu polegar. E a partir daquela perspectiva se entende que tudo mudou, que começa a existir algo novo, que a relação não é mais a mesma como fora antes.⁷

4. O NEOLIBERALISMO : UMA AMEAÇA TAMBÉM AMBIENTAL

Por fim, compreendemos que uma rápida abordagem do movimento neoliberal que vem ganhando alguma força nos últimos momentos históricos, merece apreciação por representar também uma ameaça ambiental, na medida em que tem como discurso central a busca do Estado mínimo, não intervencionista, que desloca evidentemente a soberania ou o poder para o Mercado, este ente imaginário, não concreto, que tudo passaria a regular.

Ora, se é difícil alcançar um conceito exato de mercado, todos nós conhecemos as ditas leis de mercado ou pela menos a maior delas : a busca do lucro e da vantagem a qualquer preço, sem respeito a ninguém e a nada.

Querem os neoliberais que o Estado deixe tudo acontecer, em nada interfira,

⁷ LINFIELD, M. **A dança da mutação : Uma abordagem ecológica e espiritual para a transformação.** São Paulo : Aquariana, 1992. p. 6.

ressuscitando o preceito pós Revolução Francesa do Estado Liberal que deixa fazer e deixa passar, o que significa em última instância a transposição simplesmente do estado de guerra da barbárie para a guerra do mercado, onde o risco iminente para a sociedade é cair na tirania e no arbítrio dos que têm o poder econômico.

É evidente que neste contexto neoliberal a natureza (o planeta) servirá tão somente como fonte de exploração econômica dos recursos naturais, sem nenhum escrúpulo preservacionista, em detrimento de equilíbrios biológicos milenares que mantêm a vida na Terra.

5. CONCLUSÕES

Após estas breves considerações, não é difícil concluir que o **modelo produtivista**, desenvolvimentista e consumista está em xeque, e que o discurso ecológico não é mais poesia e romance, e que o desafio que se apresenta passa pela mudança do paradigma civilizatório.

Não basta fazer como alguns países industrializados e ricos propõem, ou seja, não basta desenvolver uma veneração da natureza, com soluções míopes (conservacionismo, ambientalismo), sem articulá-las com a agressão aos seres importantes desta natureza que são os humanos marginalizados e empobrecidos.

A verdadeira ecologia é aquela que põe em questão o modelo de sociedade, os paradigmas de desenvolvimento e consumo, principais causadores da crise ecológica mundial, especialmente das doenças e da morte prematura dos pobres, como frisa Leonardo Boff⁸.

Em síntese: A pobreza continua sendo o nosso maior problema ambiental.

6. REFERÊNCIAS

⁸ BOFF, Leonardo. **Ecologia Mundialização Espiritualidade**. 2 ed. São Paulo : Ática. p. 20.

Bíblia Sagrada. **Gênesis**. cap. 1, ver. 26. São Paulo : Vozes, 1987.

BOFF, Leonardo. **Ecologia : Grito da Terra, Grito dos Pobres**. São Paulo : Ática, 1995.

BOFF, Leonardo. **Ecologia Mundialização Espiritualidade**. 2 ed. São Paulo : Ática, 1996.

DUSSEL, Enrique D. **Filosofia da libertação na América Latina**. 2 ed. São Paulo : Loyola, 1980.

LINFIELD, M. **A dança da mutação : Uma abordagem ecológica e espiritual para a transformação**. São Paulo : Aquariana, 1992.

KUHN, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo : Perspectiva, 1982.